

## Imigração espanhola (1880 - 1930): das guerras coloniais à integração social em Sorocaba

Spanish immigration (1880 - 1930): from colonial wars to social integration in Sorocaba

Rafael Benitez Valverde<sup>1</sup>

**Resumo:** Esta investigação se trata de uma revisão bibliográfica sobre a temática da imigração espanhola para o Brasil entre os anos de 1880 e 1930, problematizando e contextualizando a trajetória dos imigrantes, com recorte para a radicação de espanhóis na cidade de Sorocaba, interior do estado de São Paulo. Objetiva-se apresentar o panorama político e social das crises, dos conflitos e guerras coloniais em que a Espanha se encontrava, bem como compreender tais eventos como fatores fundamentais desse processo imigratório que culminou no estabelecimento de uma expressiva colônia espanhola em Sorocaba. Para tanto, foram utilizadas referências bibliográficas sobre o tema, além de feito um estudo de caso que se divide nos seguintes momentos: contexto espanhol, trajetórias e processo imigratório, e integração social em Sorocaba. Constatou-se que as crises e as guerras motivaram a imigração dos espanhóis e a formação de uma expressiva colônia na cidade.

**Palavras-chave:** Imigração. Espanhóis. Sorocaba.

**Abstract:** This investigation is a bibliographic review on the theme of Spanish immigration to Brazil between 1880 and 1930, problematizing and contextualizing the trajectory of immigrants with a focus on the Spanish population in the city of Sorocaba, in the countryside of São Paulo. The objective is to present the political and social panorama of the crises, conflicts and colonial wars that Spain was in, as well as to understand these events as fundamental factors of this immigration process that culminated in the establishment of an expressive Spanish colony in Sorocaba. For this research, bibliographic reviews on the theme of Spanish immigration were used, besides a case study that is divided into the following moments: Spanish context, trajectories and immigration process, and social integration in Sorocaba. It was found that crises and wars motivated the immigration of the Spanish and the formation of an expressive colony in the city.

**Keywords:** Immigration. Spanish. Sorocaba.

### Introdução

O processo da imigração espanhola para o Brasil, compreendido neste recorte temporal entre os anos de 1880 e 1930, está inserido em um período de profundas transformações sociais e econômicas, tanto no cenário europeu quanto no brasileiro. No contexto nacional, o Brasil passava por uma transição em suas estruturas econômicas, com

---

<sup>1</sup> Licenciado em História pela Universidade de Sorocaba - UNISO (2014) e em Ciências Sociais pela Universidade Metodista de São Paulo - UMESP (2018), com especialização em História Cultural pelo Centro Universitário Claretiano de Batatais - CEUCLAR (2015).

o resultado tardio da abolição do trabalho escravo, e dessa forma sinalizava para o incentivo da mão de obra imigrante, sobretudo, para os cafezais do estado de São Paulo. Para isso, a classe rural brasileira, no final do século XIX, com o apoio do governo, propôs um regime de trabalho imigrante, conhecido como sistema de colonato, em que as passagens eram subvencionadas pelos governos estadual e federal e os salários e pagamentos oferecidos pelos fazendeiros aos imigrantes, para que substituíssem o trabalho escravo nas plantações de café, após 1888 (KLEIN, 1994).

Já no contexto espanhol, entre as décadas finais do século XIX e início do século XX, o país se encontrava envolvido em conflitos e guerras coloniais. Além disso, o governo da Espanha imergia em crises econômicas e sociais ao destinar vultosos investimentos financeiros às campanhas militares. Diante desse cenário que só se agravava e com a influência de movimentos políticos de esquerda antimilitaristas (BEEVOR, 2005), não tardaria para que os cidadãos mais afetados pelas crises vissem com bons olhos a possibilidade de deixar sua terra natal e migrar para o Brasil, com suas passagens subsidiadas pelo governo brasileiro (CANÓVAS, 2005).

Grande parte dos espanhóis que vieram ao Brasil buscavam um recomeço e melhores condições de vida, pois o ambiente de crise impactava diretamente os espanhóis mais pobres e vulneráveis, agravando ainda mais a situação de precariedade e insustentabilidade. Em vista disso, o governo espanhol também incentivava esse processo migratório como forma de amenizar a densidade demográfica (SOUZA, 2006).

Esta pesquisa, portanto, visa identificar, a partir de levantamentos e revisões bibliográficas, o contexto e as conjunturas sociais e econômicas que mobilizaram esse fluxo migratório de espanhóis para o estado de São Paulo, com foco na trajetória e radicação em Sorocaba, observando, sobretudo, a integração social e a formação de uma expressiva colônia de espanhóis na cidade.

## Contexto espanhol

Durante a década de 1890 até o início da década de 1920, a Espanha passava por anos turbulentos, enfrentando crises econômicas, políticas e militares. Esses períodos coincidiam com as revoluções russa e alemã no final da Primeira Guerra Mundial, como compreende o historiador britânico Antony James Beevor (2007) em sua obra *A Batalha pela Espanha*. Além desse contexto tumultuado no panorama europeu e internacional, a Espanha estava envolvida em conflitos e guerras coloniais, como relata Marília Klaumann Cánovas (2005) em seu livro *Hambre de Tierra*; em poucos meses, o país perdeu suas posses coloniais, como as Filipinas, Porto Rico e a ilha de Cuba, ocupada pelos Estados Unidos entre 1906 e 1909.

Outro autor que compartilha das observações desse contexto é o historiador André Castanheira Gattaz (1996), que, em *Braços da Resistência*, destaca que, nesse período, a Espanha perdia suas últimas colônias ultramarinas, e com esse desmantelamento colonial os espanhóis foram obrigados a considerar o seu país como pobre e sem recursos.

O envolvimento do governo monárquico espanhol em guerras e os significativos investimentos econômicos no exército e na manutenção de suas posses coloniais levaram o país a uma profunda crise financeira, impactando diretamente a população espanhola, como aponta Ismara Izepe de Souza (2006, p.4), que diz que o governo monárquico espanhol estava envolvido em inúmeras guerras coloniais e que o “fato de arcar com os prejuízos financeiros dos conflitos agravou ainda mais a crise econômica do país”. Nesse período, o exército espanhol destinava valores expressivos ao custo de campanhas e aos militares; essa “organização incompetente e com excesso de efetivo era uma carga pesada para o Estado” (BEEVOR, 2005, p.51).

Diante das perdas de suas últimas possessões coloniais, o governo espanhol viu no Marrocos “uma nova possibilidade de império, e, em 1904, com o tratado hispano-francês, aumentou-se o esforço para dominar a área, cujas minas de ferro atraíam a Espanha” (GATTAZ, 1996, p. 27). O único interesse econômico da Espanha no território “eram as minas de fosfato, e a população cabilda local sonhava em se livrar do domínio europeu” (BEEVOR, 2005, p. 53).

Elaine Veiga Porta (2008, p. 70), pesquisadora, aponta que “quando se dá a ocupação do Marrocos pela Espanha, guerra iniciada em 1909 e que se estendeu até 1927, [...] os espanhóis com idade entre 17 e 25 anos passam a ter a obrigatoriedade do serviço militar”. No ano de 1909, “o efetivo espanhol no norte do Marrocos era de 40.000 homens, porém começaram a surgir os primeiros revezes militares, [...] pelo menos 15.000 soldados espanhóis morreram nesta campanha” (GATTAZ, 1996, p. 27).

Enquanto as tribos locais marroquinas dizimavam as colunas de soldados espanhóis enviados para proteger as concessões de minas, o governo espanhol convocava os reservistas, em sua maioria jovens de famílias pobres que não podiam pagar para se livrar do serviço militar (BEEVOR, 2005). Para Cánovas (2005, p. 63), “os choques com os *marroquíes* eram comuns já anteriormente, e a guerra de Marrocos foi longa. [...] Além disso, a Espanha fazia frente à guerra com Cuba e ambas as tropas demandavam crescentes reforços.”

Diante dos desastres ocorridos com os conflitos em Cuba e com a crise no Marrocos que se intensificava cada vez mais, um forte sentimento antimilitarista crescia nos anos que se seguiam na Espanha, com revoltas e greves incitadas por líderes anarquistas (BEEVOR, 2005). A presença de movimentos de esquerda política, como o anarquismo e o socialismo, passaram a ganhar força entre os trabalhadores urbanos e rurais dos mais distintos municípios e províncias espanholas, onde o anseio por mudanças nas condições de vida aumentava cada vez mais diante do cenário de crise econômica e guerras que afetavam diretamente os espanhóis mais pobres. Nesse cenário, Beevor (ibidem, p. 49) aponta que “em quatro anos havia quase 50 mil bakunistas na Espanha, a maioria deles na Andaluzia”.

De acordo com Gattaz (1996, p. 28):

No início da década de 20 [...], a situação do regime era crítica. Os movimentos anarquistas e socialistas, que já existiam desde o começo do século, ganhavam cada vez mais adeptos entre os trabalhadores das fábricas, da construção civil, das minas e dos portos. Nas grandes cidades, a repressão a estes movimentos era brutal.

No entanto, esses movimentos não tardaram em provocar revoltas e manifestações contrárias às políticas coloniais do governo e dos interesses militares; a primeira explosão de agitação urbana, “no final de julho de 1909, não foi, contudo, causada pela disputa industrial em Barcelona. Foi um subproduto da guerra colonial no Marrocos” (BEEVOR, 2005, p. 51).

Os conflitos nos quais a Espanha se envolvia foram cruciais para mobilizar as massas e agravar a crise econômica e social existente, além do custeio de uma considerável juventude espanhola. Segundo Eric Hobsbawn (2005, p. 51), “a guerra moderna envolve todos os cidadãos, [...] exige um desvio de toda a economia para a sua produção [...] e transforma absolutamente a vida dos [...] envolvidos”. Nesse sentido, os mais abalados psicologicamente com o envolvimento direto nas guerras eram os jovens, cujo “maior temor era ser chamado para servir ao Exército, pois o contingente de soldados se intensificava à medida que a Espanha perdia as batalhas” (SOUZA, 2006, p. 4).

Segundo Cánovas (2005, p. 48):

Todas as semanas partiam para a América e África centenas de moços. Imberbes muitos deles. Nas docas do porto e nas plataformas da estação podiam-se ver cenas dilaceradoras. A Guarda Civil tinha muitas vezes de abrir fogo contra as mães que tentavam impedir o transporte de tropas, retendo os braços nas amarras ou bloqueando a passagem as bloqueando a passagem das locomotivas. Daquelas centenas de milhares de jovens que partiam para a frente muito poucos haveriam de voltar, e ainda assim, mutilados ou gravemente doentes.

Diante dessa situação, muitos espanhóis viam a emigração como uma “válvula de escape para o recrutamento militar obrigatório (SOUZA, 2006, p. 4). Nessa época foi registrado um aumento do “êxodo ultramarino, impulsionado, mais que tudo, pelo receio das pessoas em ser enviadas ou de ter algum filho ou parente convocado para a guerra” (CÁNOVAS, 2005, p. 48). Para Porta (2008, p. 70), “deixar a Espanha tornou-se uma necessidade das famílias com maridos e filhos na idade de seguirem para as frentes de batalha, e a única maneira de evitar que isso acontecesse seria através da emigração”. Na concepção de muitos jovens espanhóis, “era melhor vir para a América tentar uma nova

vida do que esperar ser chamado para viver o cotidiano da guerra, marcado por sofrimento e pelo perigo real de estar muito próximo da morte” (SOUZA, 2006, p. 4).

Nesse sentido, desertar o serviço militar e buscar fugir da miséria eram, dentre outras, as principais motivações que levavam muitos espanhóis a buscar melhores condições de vida, e eles idealizavam a emigração como uma saída para o enriquecimento e prestígio, fomentando um imaginário de retorno triunfal ao *pueblo* de origem (CÁNOVAS, 2005).

### Processo imigratório e trajetórias

No final do século XIX, o movimento ultramarino espanhol fez parte de um processo emigratório maciço que nasceu nos espaços sul-ocidentais da Europa. Neste sentido, Carina Frid de Silberstein (2000, p. 94) explica que “quando, superada a interrupção provocada pelas guerras de independência, o fluxo espanhol voltou a tomar posições dentro do concerto migratória transcontinental”. Esse processo de deslocamento de imensas ondas humanas entre as décadas finais do século XIX e início do XX é considerado por Cánovas (2005, p. 39) como “um verdadeiro êxodo ultramarino, que se convencionou chamar emigração de massa”.

No entanto, o fenômeno da emigração no contexto espanhol foi em grande medida incentivado pelo governo, pois, dessa forma, amenizaria o elevado número de espanhóis desempregados e em situação miserável.

Como aponta Souza (2006, p. 5):

Para o governo espanhol, a emigração era vista como uma das soluções possíveis para amenizar a densidade populacional e o desemprego. A saída de um contingente significativo de pessoas do território espanhol entre o final do século 19 e o início do século 20 permitiu melhor adequação entre os recursos financeiros e a população. Os desempregados geravam insegurança para as elites e para o governo, uma vez que a situação de miséria levava a um desespero desencadeador de revoltas populares, que deveriam ser evitadas a qualquer custo.

O contingente de espanhóis que optavam por deixar sua terra natal constituía uma parte significativa da migração de europeus principalmente para países do continente

americano, porém o Brasil não era a primeira alternativa para muitos espanhóis. Como bem explica o historiador Hebert Klein (1994, p. 37), “na migração transatlântica maciça dos espanhóis após 1880, o Brasil não era o primeiro país de preferência. Mais imigrantes espanhóis foram para a Argentina e para Cuba [...] do que para o Brasil”. Elda Martínez (1999) compartilha dessa análise ao dizer que dois dos fatores que contribuíram para os espanhóis optarem por outros países da América-latina e não escolherem o Brasil como primeiro destino foram as aproximações culturais e a existência de uma importante tradição emigratória.

Nessa perspectiva, Gattaz (1996, p. 28) contribui dizendo que:

Para a população do campo, fosse de regiões latifundiárias, como a Andaluzia [...] uma das soluções que se encontrava para seguir vivendo era emigrar. A América Latina era o alvo específico, escolhido através de uma espécie de transmissão atávica, pois muitos decidiram vir *hacer la America* sem saber realmente o que era *la America*. A Espanha é um país que sempre se encontrou fora da Espanha.

Em vista da falta de correntes de migração para o Brasil, o governo brasileiro buscou estimular estratégias e medidas políticas imigratórias durante esse período. Tais atitudes implicaram no desenvolvimento de uma ampla “propaganda na Europa, em geral, e na Espanha, em particular, destacando os benefícios que os trabalhadores obteriam se quisessem vir para o Brasil, [...] viajar de graça” (MARTÍNEZ, 1999, p. 239).

Nesse sentido, percebe-se que um dos atributos fundamentais que atraíram o fluxo dessa migração espanhola para o Brasil foi o fator de o governo brasileiro estimular a imigração e subsidiar passagens. Klein (1994, p.36) aponta que, “no período anterior à Primeira Guerra Mundial, os espanhóis foram atraídos primariamente ao Brasil pelo subsídio do transporte oferecido pelos governos estadual e federal.” Observa-se que as estratégias do governo brasileiro em atrair imigrantes espanhóis foram exitosas, pois notícias e informações sobre as possibilidades de viajar sem custo para o Brasil estavam presentes nos mais diversos locais das comunidades espanholas. Como bem explica Martínez (1999, p. 240), “a campanha foi tão generalizada que fontes contemporâneas destacam que na

Espanha essa emigração era recomendada desde os púlpitos até as empresas expedidoras de passagens”.

No entanto, os subsídios como ferramenta de estímulo à migração para o Brasil tendiam a atrair os espanhóis mais pobres do que a média dos migrantes e a emigrar mais em grupos familiares do que em relação a outros grupos (KLEIN, 1994). De acordo com Cánovas (2005, p. 104), “o perfil aproximado do emigrante espanhol identificava-se com o de pequeno proprietário empobrecido, sem condições de sobreviver e manter a família apenas com a exploração da sua propriedade”. Essas famílias oriundas, sobretudo, de localizações de escassos recursos, como a região da “Andaluzia Oriental, onde qualquer crise na agricultura – desde epidemias nas plantações de oliveira e de videira até secas ou chuvas de granizo – provocava a expulsão dos menos favorecidos” (MARTÍNEZ, 1999, p. 244).

A partir desse processo migratório e de experiências já vivenciadas por imigrantes espanhóis no Brasil, relatos sobre as más condições de vida dos que emigraram chegavam através de denúncias ao governo espanhol. Foi então no início de 1910 que o governo espanhol realizou uma investigação formal sobre a situação em que os imigrantes se encontravam e concluiu que esses contratos do governo brasileiro como forma de atrair mão de obra imigrante destinavam esses espanhóis à exploração e ao abuso (KLEIN, 1994).

Sob a ordem real de 25 de agosto de 1910, o governo espanhol ressaltava “*prohibiendo emigrar al Brazil com billete gratuito*” (idem, ibidem, p. 43) e apontava os principais problemas que os imigrantes encontravam no país destino, tais como: “má moradia, pagamentos em vales em vez de dinheiro, atraso no pagamento de salários e venda forçada dos alimentos produzidos pelos imigrantes aos fazendeiros” (idem, ibidem, p. 44). Essa atitude tomada pelo governo espanhol recebeu o apoio da imprensa, que foi ativa diante da problemática até a eclosão da Primeira Guerra, porém os subsídios brasileiros resistiram e a saída dos emigrantes continuou, embora sob os efeitos de redirecionamento das origens e localidades dessa migração (KLEIN, 1994).

As campanhas de imprensa deflagradas na Espanha durante esse período “faziam duros ataques à situação dos colonos nas fazendas do interior do estado de São Paulo,

como publicou *El País*, em que as fazendas eram qualificadas como cárceres” (MARTÍNEZ, 1999, p. 245). Mesmo com as publicações nos jornais sobre a proibição da emigração subsidiada para o Brasil, tais medidas em nada afetaram as saídas dos espanhóis, “dada a procedência geográfica do grupo que migrou para São Paulo – originário, em sua maioria, da Andaluzia oriental – e, portanto, vizinhos do porto de Gibraltar” (idem, ibidem, p. 253).

Em vista desses impasses que poderiam prejudicar o interesse de migrantes para o Brasil, o governo do estado de São Paulo tentou contornar a situação utilizando o seu comissário-geral, representante direto na Espanha, para sugerir algumas medidas paliativas. Sobre tais medidas, Cánovas (2005, p. 141) aponta que:

Uma delas foi a criação de um jornal local, porém em língua espanhola, ao qual se daria o sugestivo nome de *España – Organo de defensa de la colônia española em San Pablo*. Caberia a esse periódico o envio de notícias aos jornais espanhóis, como uma maneira de influenciar positivamente a opinião pública. Outra sugestão era que organizassem, em Madri, mais duas publicações: uma pró-governamental, outra de oposição, que deveriam enviar correspondentes a São Paulo para verificar as condições dos colonos. Também aconselhava que, por intermédio de um deputado influente, se tentasse interferir junto ao governo espanhol a favor dos interesses brasileiro.

Nesse sentido, observamos que a política de imigração e as medidas desenvolvidas pelo governo de São Paulo foram cruciais para que esse movimento migratório ocorresse na região, ao passo que os fatores de expulsão dos espanhóis não foram relevantes. A escolha desses espanhóis pela emigração só foi feita a partir do momento em que foi oportunizado a eles o deslocamento sem um custo inicial (MARTÍNEZ, 1999). Mesmo com tais articulações e entraves sobre esse processo migratório do contexto abordado, a autora destaca que, “em 1909 entraram em São Paulo 12.605 espanhóis; em 1910, 13.336; em 1911, ano em que estava em pleno vigor a proibição, chegaram 17.862 e, em 1912, 28.87” (idem, ibidem, p. 253). Dessa forma, poderíamos dizer que, se não houvesse tais restrições, o número de imigrantes das regiões mais afetadas da Península poderia ser maior (MARTÍNEZ, 1999).

A grande maioria desses imigrantes buscou residência no estado de São Paulo, “cujo governo estadual, controlado pela classe dos agricultores, foi o mais ativo na criação de

subsídios à imigração”, aponta Sheldon Leslie Maram (1978, p. 13). Os espanhóis, no entanto, “estavam entre os primeiros e maiores grupos de imigrantes a chegar aos cafezais paulistas [...]. O fluxo dessa migração espanhola estava relacionado ao movimento da economia cafeeira e a fatores externos, tais como guerras” (KLEIN, 1994, p. 35).

Para as fazendas de café de São Paulo iam apenas os imigrantes que não tinham dinheiro para custear uma passagem que lhes permitissem emigrar para a “Argentina, o Uruguai ou Cuba. Portanto, pode-se inferir que emigraram para São Paulo os mais carentes, aqueles que não podiam assumir os custos da viagem para a família” (MARTÍNEZ, 1999, p. 251). Para Boris Fausto (1976, p. 35), “o momento decisivo em que se constituíram relações capitalistas de produção na área de São Paulo ocorreu com a liquidação final do sistema escravista e a entrada das grandes levas de imigrantes.”

A principal corrente migratória de espanhóis que se destinaram ao estado de São Paulo como mão de obra para compor as produções de café, que se alastravam para o oeste paulista, teve sua origem na Província de Andaluzia (CÁNOVAS, 2005). Dos imigrantes espanhóis que chegavam ao estado, “predominaram os andaluzes, que representavam 60% do total de imigrantes, enquanto os galegos somavam 20%” (MARTÍNEZ, 1999, p. 250).

Essas pessoas, oriundas, sobretudo, de regiões precárias da Espanha, viam na imigração uma possibilidade de ascensão financeira e de quem sabe um dia retornar ao seu país. Como explica Maram (1979, p.15), “os imigrantes entraram no Brasil com o intuito de fazer fortuna, investindo suas economias e adiando os prazeres imediatos como um meio de melhorar a sua situação econômica e retornar à terra natal”. A esperança de retorno esteve sempre presente no ideário de muitos imigrantes, que “viam o Brasil como um lar temporário, um lugar onde pudessem melhorar sua situação econômica apenas o suficiente para retornar confortavelmente a sua adorada terra natal” (idem, *ibidem*, loc. cit.).

A maneira de atrair os imigrantes para o Brasil articulava com a possibilidade de enriquecimento, “aguçando aqueles que sonhavam em ser proprietários de terras, provando assim a inexistência do imigrante escravizado” (PORTA, 2008, p. 15). Apesar de sua pobreza inicial e da baixa escolarização, o fato de os espanhóis se concentrarem em São Paulo, o estado mais rico do país e que crescia mais economicamente, significou aos

imigrantes uma possibilidade de acesso à terra (KLEIN, 1994). Mesmo com a exploração dos fazendeiros de café sobre a mão de obra espanhola subsidiada, a capacidade desses imigrantes em economizar suas finanças a partir de seus contratos de trabalho permitiu que um número significativo de imigrantes adquirisse e expandisse suas posses de terras (idem, *ibidem*). Em relação às condições desses contratos, as famílias de imigrantes assinavam no mesmo momento em que se encontravam na Hospedaria dos Imigrantes, na cidade de São Paulo. Assim explica Cánovas (2005, p. 164):

As condições do contrato, geralmente padronizadas, eram impressas em cadernetas e entregues aos trabalhadores. A família recebia certa quantia de pés de café para cuidar (trato), geralmente 2.000 por adulto. Pela capina de cada mil pés era paga uma quantia fixa, e outra pela colheita de cada alqueire de fruto. O valor pago pelo trato e pela colheita oscilava de fazenda a fazenda, dependendo de outras variáveis não monetárias que eram atreladas ao contrato, como a possibilidade de o colono cultivar mantimentos.

Os espanhóis, ao passarem pelos processos imigratórios desde o desembarque até a escolha de uma localização, procuravam buscar por regiões que garantissem oportunidades de trabalho e residência. Observa-se, entretanto, que tais escolhas foram feitas, em grande medida, de acordo com o desenvolvimento econômico da região. As maiores concentrações de imigrantes espanhóis se deram nas seguintes regiões:

Araraquarense: Catanduva, Rio Preto, Araraquara, Santa Adélia etc., com 108 mil imigrantes. Em seguida, por sua importância, vinha a região Central, com cidades como Campinas, Sorocaba e o que o consulado designa como sorocabana (de Jundiá até Itu), com 28 mil (MARTÍNEZ, 1999, p. 253).

Os resultados sobre esse fenômeno que atraiu e concentrou imigrantes espanhóis nas cidades do interior paulista, com recorte para a cidade de Sorocaba, podem ser observados nos estudos do historiador Rogério Lopes Pinheiro de Carvalho (2008) em sua tese *Fisionomia da cidade: Sorocaba cotidiano e transformações urbanas 1890-1943*.<sup>2</sup> Consta-se que, a partir do ano de 1860, tais regiões passaram por uma expansão da

---

<sup>2</sup> CARVALHO, Rogério Lopes Pinheiro de. *Fisionomia da cidade: Sorocaba cotidiano e transformações urbanas 1890-1943*. Tese (Doutorado em História Social), São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2008.

cultura do algodão, devido à paralisação do mercado estadunidense em decorrência da Guerra de Secessão. Desse modo, incentivos foram feitos para estimular a produção e exportação do algodão, como a inauguração, em 1875, da Estrada de Ferro Sorocabana (CARVALHO, 2008). Nesse sentido, as cidades do interior paulista, além do café, tinham desde 1886 tradição na produção de tecido, contando com dez fábricas têxteis: “quatro em Itu (principal centro da região algodoeira), uma em Piracicaba, Jundiaí, Santa Bárbara, Tatuí, Sorocaba e São Luís do Paraitinga” (FAUSTO, 1976, p. 16).

Em vista disso, o desenvolvimento e a expansão das linhas férreas para o escoamento das produções tanto de café como de algodão foram fundamentais para o desenvolvimento econômico das cidades do interior paulista, como “Campinas, Jundiaí, Sorocaba e Piracicaba, que eram centros ferroviários importantes que mantinham oficinas mecânicas de construção e reparação de trens” (MARTÍNEZ, 1999, p. 263). Com isso, os imigrantes também viam nessas cidades oportunidades para trabalhar como operários ferroviários em setores de manutenção ou na condução dos trens (idem, ibidem).

### **Integração social em Sorocaba**

A cidade de Sorocaba, devido à significativa presença dos imigrantes espanhóis, acolheu um importante núcleo da colônia espanhola. O escritor Sérgio Coelho de Oliveira (2002), em seu livro *Os espanhóis*, contesta a afirmação de que “não houve bairros tipicamente espanhóis nas cidades do interior ou na capital, ao contrário do que ocorreu com os italianos”, defendida pelos historiadores Klein e Martínez. Em sua obra, o escritor comenta que esses dois autores não conheceram Sorocaba, muito menos o bairro do Além Ponte<sup>3</sup>, pois se o fizessem, “teriam reconhecido na feição daquela gente os traços marcantes do povo ibérico ou identificado na blasfêmia e xingação irreverente o mais puro vernáculo de Granada ou Almeria” (OLIVEIRA, 2002, p.11).

Ao contrário de muitas cidades do interior paulista, nas quais se predominou a

---

<sup>3</sup> “A ponte sobre o rio Sorocaba alcançava o chamado ‘bairro espanhol’, como era conhecido há algum tempo como a região do Além Ponte” (CARVALHO, 2008, p. 255).

imigração italiana, em Sorocaba o maior contingente de imigrantes vindos do continente europeu foi o de espanhóis. A escolha dos imigrantes espanhóis por Sorocaba se intensificou a partir das primeiras décadas do século XX, devido ao fato de a cidade se constituir como um importante centro industrial têxtil no interior do estado de São Paulo (CARVALHO, 2008).

Com a criação das fábricas de tecido e a instalação da estrada de ferro, Sorocaba foi denominada, no início do século XX, Manchester Paulista, devido à indústria têxtil ser um fator responsável por essa imagem de progresso que as elites republicanas tentavam emplacar. Diante disso, Sorocaba era vista como uma cidade progressista, o que atraía cada vez mais trabalhadores e imigrantes de outras regiões, dentre esses, espanhóis, que trabalhavam também na parte técnica das fábricas e ferrovias, como observam Valdelice Borghi Ferreira e Wilson Sandano (2008).

Os imigrantes atraídos pela prosperidade econômica de Sorocaba buscavam se estabelecer em regiões que ficavam próximas às fábricas têxteis, como os bairros do Além Ponte, que concentrava a maior parte de imigrantes espanhóis, e do Além Linha, que correspondia a uma presença significativa de italianos (FERREIRA; SANDANO, 2008). Com essas primeiras levas de imigrantes espanhóis, outros seguiam o mesmo caminho, isto é, buscavam moradia e trabalho na região do Além Ponte. Eles não se destinavam apenas aos trabalhos nas indústrias de tecido da cidade, mas exerciam também ofícios como agricultores e comerciantes, intensificando “as culturas da batatinha, da cebola e da laranja. O cultivo da cebola os tornou famosos na cidade, a ponto de a população passar a fazer uma associação quase que automática entre a planta e os espanhóis” (CARVALHO, 2008, p. 255).

De acordo com o escritor:

O ceboleiro era sinônimo de espanhol e o núcleo onde se concentrava passou a ser conhecido como “bairro dos ceboleiros” ou “cebolândia”. Se plantar cebola foi uma atividade típica dos espanhóis de Sorocaba, não foi, entretanto, a atividade econômica mais importante e responsável pelo enriquecimento de muitas famílias. Esse destaque cabe à laranja, uma cultura altamente lucrativa, embora meteórica, tendo durado cerca de 15 anos (OLIVEIRA, 2002, p.87).

O bairro espanhol do Além Ponte, como ficou conhecido, adquiriu características peculiares devido à influência e presença expressiva desses imigrantes. No entanto, ao adaptar os hábitos e costumes de sua cultura originária, os espanhóis tiveram que enfrentar determinadas resistências, como o preconceito das elites de Sorocaba e moradores tradicionais do centro da cidade, que não se misturavam com os imigrantes (CARVALHO, 2008).

Uma das maneiras que esses grupos de imigrantes encontraram para superar as dificuldades do cotidiano foi a formação de associações que promovessem atividades culturais, recreativas e, se possível, políticas, com o intuito de reunir os espanhóis e os aproximar da comunidade e cultura de origem. Dessa forma, foi fundado na cidade, durante a década de 1930, o Centro Republicano Español de Sorocaba, que atuou como aglutinador das atividades dos espanhóis (SOUZA, 2005). Esse contingente expressivo de imigrantes espanhóis que se radicaram na cidade de Sorocaba e formaram uma colônia no bairro do Além Ponte também criou “clubes, arenas de touros, associações e teatros próprios e até um vice-consulado” (OILIVEIRA, 2002, p. 35).

Além dessas associações, outros pontos de encontro da colônia espanhola em Sorocaba eram os cinemas Eldorado e Alhambra. Ali, muitos espanhóis se conheciam e se relacionavam, além de estabelecerem uma aproximação com sua cultura através dos filmes e peças teatrais que exibiam e apresentavam temas relacionados ao seu país. Oliveira (2002, p. 104) explica que o cinema Eldorado era o cinema da espanholada, pois:

Eram espanhóis o vendedor de pipoca, de amendoim e até os porteiros. Batia recorde de bilheteria, com extensas filas, quando os cartazes anunciavam filmes espanhóis, mexicanos e argentinos [...]. Essa afluência, conta a tradição do bairro, não se dava pela paixão especial nutrida pelos imigrantes em relação às películas em língua espanhola. A razão era outra: sendo a maioria dos filmes americanos e legendados em português, eles não entendiam nada por não saberem ler. O que não acontecia com os filmes em espanhol, que eles podiam entender e acompanhar os diálogos.

Já o Alhambra também era um cinema, mas foi criado e adaptado para receber “espetáculos culturais e peças teatrais de preferência em língua espanhola. Era o ponto

de encontro da colônia, que formava uma comunidade pobre e alijada da vida cultural da cidade” (idem, ibidem, loc. cit).

A educação e a escolarização desses espanhóis durante as primeiras décadas do século XX em Sorocaba eram precárias e de difícil acesso, pois as regiões da cidade em que esses imigrantes se estabeleceram careciam de escolas. Havia apenas dois grupos escolares nesse momento, e ambos se localizavam na região central da cidade. Além disso, as vagas ofertadas eram poucas e ocupadas, em sua maioria, pelos filhos das famílias tradicionais de Sorocaba; enquanto isso, os filhos da população operária e imigrante frequentavam as escolas isoladas. Apenas em 1919 foi criado o terceiro grupo escolar da cidade, o Senador Vergueiro, no bairro do Além Ponte, a partir do engajamento e reivindicações dos operários (FERREIRA; SANDANO, 2007).

A partir de investigações feitas nos acervos do jornal Cruzeiro do Sul, de Sorocaba, sobre o contexto da criação do terceiro grupo escolar da cidade, Ferreira e Sandano (2007, p.176) destacam que:

O 3º Grupo Escolar de Sorocaba, sem dúvida, foi uma conquista operária, embora defendida também pelos setores dominantes, de acordo com os interesses [...]. Criado em 1919, foi instalado no bairro espanhol, cercado pelas fábricas Santa Maria, São Paulo, atendendo também operários da N.S.da Ponte e Votorantim. Foram matriculados 408 alunos que nunca haviam freqüentado escola: 195 meninos e 213 meninas. O escolhido para dar seu nome à escola foi o líder político local (PRP), dr Luiz P. Nicolau de Campos Vergueiro, que recusou “modestamente”, indicando seu bisavô, Senador Vergueiro para patrono (*apud* Cruzeiro do Sul, 1919, p. 02).

Com o passar dos anos, os espaços ocupados pelos grupos de imigrantes, como o bairro do Além Ponte, foram se configurando e adquirindo características peculiares, à medida em que os espanhóis iam se integrando e se estabelecendo na sociedade. Dessa forma, a influência e a presença expressiva desses imigrantes podem ser percebidas ainda hoje nos mais diversos locais da região, como retrata Oliveira (2002, p. 61):

Quem subir à rua Cel. Nogueira Padilha, na direção dos morros, hoje, mais de 100 anos após a chegada dos primeiros imigrantes, não teria dúvida em identificar as origens do bairro, tal é a profusão de placas de comércio e de serviços dos Martins, dos Rodrigues, dos Isquierdo ou Esquerdo, dos Haro, dos Vecina e dos Galves. Os

ônibus que circulam no Além Ponte anunciam no letreiro do itinerário a Vila Colorau, o bairro Barcelona, o Jardim Rosária Alcolea e a Vila Haro. Os nomes das ruas não fogem à regra: Barcelona, Catalunha, Sevilha, Cervantes e Granada. O açougue é Madri, o bar é o da Espanha, em alusão ao time de futebol do bairro. O outro clube é o Barcelona.

Diante disso, Carvalho (2008, p. 255) complementa dizendo que “nem os setores mais tradicionais da cidade podiam mais ignorar a presença e a relevância da colônia espanhola na cidade”.

### **Considerações finais**

O estudo buscou entender os aspectos do contexto social, político e econômico que motivou o deslocamento de inúmeros espanhóis e grupos familiares para o Brasil, bem como a trajetória e integração social desses imigrantes. Nesse sentido, observou-se que esse fenômeno migratório se deu a partir de elementos e conjunturas que foram fundamentais para impulsionar essas pessoas a deixar para trás sua terra de origem e buscar um recomeço em terras desconhecidas. Constatou-se também que tais incentivos foram proporcionados tanto pelos desgastes sociais devido às crises econômicas e guerras de interesses de uma elite espanhola, como o momento propício em que as estruturas econômicas do Brasil se encontravam, a partir da abolição da escravidão e dos incentivos para a vinda desses imigrantes.

Desse modo, compreendeu-se que os grupos de imigrantes que chegaram ao Brasil nas primeiras décadas do século XX procuraram se integrar na sociedade sorocabana, e os grupos de imigrantes que se estabeleceram na cidade logo formaram associações e centros recreativos e culturais, o que fez com que o bairro do Além Ponte fosse caracterizado, pelos sorocabanos, como o bairro espanhol. Considera-se, assim, que os grupos étnicos, como o dos espanhóis, tiveram uma integração social mais facilitadora devido aos aspectos culturais mais próximos da cultura dos brasileiros, no entanto, isso não eximiu o fato de sofrerem discriminações por serem estrangeiros.

Por fim, em relação às dificuldades encontradas para o desenvolvimento desta pesquisa, elas se deram em relação às fontes, pois tanto a produção bibliográfica quanto a documentação disponível acerca dessa temática são extremamente escassas. Tais motivos não tornam menos importantes os estudos desse movimento migratório, pelo contrário, as dificuldades de acesso à documentação motivam a busca para conhecer e valorizar esse episódio significativo da história do Brasil, considerando a formação do povo brasileiro e sua diversidade cultural.

## Referências

BEEVOR, Antony. *A Batalha pela Espanha: A guerra civil espanhola 1936 – 1939*, Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

CÁNOVAS, Marília Klaumann. *Hambre de Tierra: Imigrantes espanhóis na cafeicultura paulista 1880-1930*. São Paulo: Lazuli Editora, 2005.

CARVALHO, Rogério Lopes Pinheiro de. *Fisionomia da cidade: Sorocaba cotidiano e transformações urbanas 1890-1943*. Tese (Doutorado em História Social), São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2008.

CORNER, Dolores Martin Rodriguez. Cartas de imigrantes espanhóis (1911-1930). In: *Associação Nacional de História da ANPUH*, Simpósio Nacional de História, Natal, 2013.

Disponível em:

<[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364596213\\_ARQUIVO\\_TextoCartad osImigrantesEspanhois.doc.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364596213_ARQUIVO_TextoCartad osImigrantesEspanhois.doc.pdf)> Acesso em: 08 out. 2020.

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. São Paulo: Difiel, 1976.

FERREIRA, Valdelice Borghi; SANDANO, Wilson. Educação escolar e movimentos sociais em Sorocaba, no início da República (1889/1920). In: *Associação Nacional de História da ANPUH*, Simpósio Nacional de História, Sorocaba: Universidade de Sorocaba, 2007.

Disponível em: <[https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/5011/art14\\_27.pdf](https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/5011/art14_27.pdf)> Acesso em: 06 out. 2020.

GATTAZ, André Castanheira. *Braços da Resistência*. São Paulo: Editora Xãma, 1996.

HOBBSAWN, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX 1941-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KLEIN, Herbert S. *A imigração espanhola para o Brasil*. São Paulo: Sumaré: Fapesp, 1994.

\_\_\_\_\_. Migração Internacional na História das Américas. In: FAUSTO, Bóris (Org.) *Fazer a América: A imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: Edusp, 2000, p. 13-31.

MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro 1890-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARTÍNEZ, Elda Evangelina González. O Brasil como país de destino para os emigrantes espanhóis. In: FAUSTO, Boris (Org.) *Fazer a América: A Imigração em Massa para a América Latina*. São Paulo: Edusp, 1999, p. 239-271.

OLIVEIRA, Sérgio Coelho de. *Os Espanhóis*. Sorocaba: TCM, 2002.

PORTA, Elaine Veiga. *Imigrantes espanhóis em Santos 1880-1920*. Tese (Doutorado em História Econômica), São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2008, p. 239-271.

SILBERSTEIN, Carina Frid de. A imigração espanhola na Argentina (1880-1930). In: FAUSTO, Boris (Org.) *Fazer a América: A imigração em massa para a América Latina*. (2 Ed.) São Paulo: Edusp, 2000, p. 93-126.

SOUZA, Ismara Izepe de. *Imigrantes no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.